

Saberes e Práticas Educacionais Inclusivas¹

Elizete Costa dos Santos Oliveira

Resumo: O enfoque deste trabalho está voltado para a prática pedagógica desenvolvida pelos professores nas salas de aula de ensino comum, práticas que impulsionam a inclusão. Ganha ênfase o saber-fazer docente e o reconhecimento de que o principal mediador da aprendizagem é o professor. Tem por objetivo analisar como as práticas e saberes docentes auxiliam no processo de escolarização do aluno com deficiência, por meio de relatos de professores. A pesquisa é de abordagem qualitativa, do tipo etnográfica, tendo como instrumento de coleta de dados os relatos de experiências, cuja a análise de conteúdo deu-se a partir dos relatos das práticas das professoras com os alunos com deficiência. O quadro de sujeitos participantes da pesquisa se constituiu de 09 (nove) professoras que lecionam para alunos com deficiência em 06 (seis) escolas da rede pública municipal de Teixeira de Freitas – Bahia. Os resultados mostram que o processo de inclusão foi impulsionado por meios da prática e mediação desenvolvida pelas professoras no contexto escolar.

Palavras-chave: Práticas Inclusivas. Relatos de Experiências. Mediação e Aprendizagem.

Inclusive Educational Practices and Knowledge²

Abstract: The emphasis of this work is focused on the pedagogical practice developed by teachers in common teaching classrooms, practices that promote inclusion. Emphasis is placed on teacher's expertise and on the recognition that the main mediator of learning is the teacher. It aims to analyze how the teaching practices and knowledge help in the schooling process of students with disabilities, based on teachers' reports. The research is qualitative, with an ethnographic approach, having as an instrument of data collection the experience reports, whose analysis of content was based on the reports of the teachers' practices. It presents reflections based on the cultural historical perspective of Vygotsky, who advocates that learning occurs through social interactions. The table of individuals participating in the research is comprised of 09 (nine) teachers who teach for students with disabilities in 06 schools in the municipal public network of Teixeira de Freitas - Bahia. The results show that the inclusion process was driven by the practice and mediation developed by the teachers in the school context.

Keywords: Inclusive Practices. Experience Reports. Mediation and Learning.

¹ Este artigo relembra os relatos de experiências docentes apresentados na Dissertação de Mestrado intitulada "Saberes e Práticas no Processo de Inclusão Escolar no Município de Teixeira de Freitas, BA", defendida e aprovada, em 08 de março de 2016, no Centro Universitário Norte do Espírito Santo (CEUNES), São Mateus, Universidade Federal do Espírito Santo.

² This article recalls the reports of teaching experiences presented in the Master's Dissertation entitled "Knowledge and Practices in the School Inclusion Process in the Municipality of Teixeira de Freitas, BA", defended and approved, on March 8, 2016, at Centro Universitário Norte do Espírito Santo (CEUNES), São Mateus, Federal University of Espírito Santo.



INTRODUÇÃO

Direcionar o olhar para a inclusão dos alunos com deficiência é um assunto desafiador e de grande importância que implica no reconhecimento da existência da diversidade na escola. A inclusão no âmbito escolar não se faz apenas com a matrícula da pessoa com deficiência na escola de ensino comum, mas, na garantia da participação efetiva desse aluno, envolvendo-o nas atividades propostas, utilizando-se de todas as possibilidades para que possa aprender.

A educação escolar deve ser organizada numa perspectiva inclusiva, por isso, as pessoas com deficiência não podem ser atendidas apenas em espaços segregados e separados da escola de ensino comum, valorizando a interação entre os alunos em turmas heterogêneas. Para compreendermos melhor a importância da relação com o outro no processo de aprendizagem dos alunos com deficiência, optamos por refletir na perspectiva histórico cultural, fundamentada na teoria de Lev Semionovitch Vygotsky³. Nessa abordagem é indicado que a aprendizagem ocorre por meio das interações sociais, da convivência com o outro. Assim, o desenvolvimento humano é impulsionado pelas relações sociais, pela mediação do outro e pelos signos da cultura.

Na perspectiva histórico cultural o professor tem papel fundamental no processo educacional, sendo o principal mediador da aprendizagem. Dessa relação é possível desenvolver e aprender sempre, independente da condição em que se encontra uma pessoa. A mediação do professor é de extrema importância, pois pode favorecer a aprendizagem dos alunos com deficiência, contribuindo com o processo de inclusão escolar. A mediação é entendida por Oliveira (1993) como o processo que caracteriza a relação do homem com o mundo.

Dentro dessa ótica reconhecemos a importância do professor como mediador da aprendizagem, o que nos leva a refletir na prática docente, considerando que ele pode contribuir ou não para a aprendizagem dos alunos.

³ Há muitas transliterações para a grafia deste nome, por isso foram usadas diversas escritas conforme as obras consultadas.



O professor é único em sua prática e essa concepção é afirmada por Jesus (2002, p. 97):

Nesse sentido, ganham especial relevância os discursos e as ações dos professores, porque, em última instância, são eles que, no meio de seus medos, dúvidas, ansiedades, disponibilidades, acolhimentos e possibilidades, assumem os alunos em suas salas de aula. São as práticas pedagógicas aí desenvolvidas que podem contribuir ou não para a aquisição do conhecimento por todos os alunos.

A defesa de que a relação do homem com o mundo não é uma relação direta, mas uma relação mediada é uma das concepções vigotskianas mais importantes para reflexão sobre a prática docente. O conceito de mediação é utilizado por Oliveira (1993, p. 26) indicando que “Mediação em termos genéricos, é o processo de intervenção de um elemento intermediário numa relação, a relação deixa de ser direta e passa a ser mediada [...]”. Entendendo a importância da mediação do professor para a aprendizagem dos alunos é que apresentaremos neste artigo relatos de práticas educacionais inclusivas.

A proposta de reunir relatos de práticas educacionais inclusivas surgiu a partir da realização de um encontro de reflexão e estudo em Educação Especial/Inclusiva promovido pela Secretaria Municipal de Educação e Cultura de Teixeira de Freitas no dia 27 de junho de 2014. Nesse referido encontro, a pesquisadora lançou o convite para que os professores presentes participassem como sujeitos de uma pesquisa de mestrado, e relatassem suas práticas pedagógicas com os alunos com deficiência.

Os relatos apresentados descrevem sobre as práticas de 09 professoras da rede pública municipal de Teixeira de Freitas - BA, da Educação Infantil e do Ensino Fundamental Anos Iniciais, que aceitaram socializar as experiências vivenciadas em sala de aula de ensino comum com alunos que apresentam deficiência e/ou necessidades educacionais especiais. Assim, as professoras enviaram os relatos de suas experiências por e-mail e assinaram um termo autorizando a transcrição das falas, bem como a divulgação dos relatos.

O contato direto e frequente com o cotidiano dos professores da rede pública municipal de Teixeira de Freitas, fez-nos optar pela pesquisa de

natureza qualitativa, do tipo etnográfica. No tratamento e análise dos dados lançamos mão da Análise de Conteúdo como instrumento para interpretação de dados.

De acordo com Bardin (2009) a Análise de Conteúdo é um conjunto de técnicas de investigação, que tem por objetivo interpretar as comunicações manifestadas pelo grupo participante. Na Análise de Conteúdo é preciso fazer a leitura flutuante de todo o material coletado. “Esse procedimento é importante para tornar o pesquisador familiarizado com as informações obtidas” (GIL, 2010, p. 131).

O principal objetivo dessa pesquisa é analisar como as práticas e os saberes docentes auxiliam no processo de escolarização do aluno com deficiência, por meio de relatos de professores e identificar a mediação do professor no processo de escolarização o aluno com deficiência. Os relatos de experiências foram minimizados para respeitar o espaço destinado a escrita desse artigo, conservando os trechos mais relevantes.

Relatos de Experiências Inclusivas

As professoras Carla, Maria Clara, Maria das Graças, Marisa, Ellen, Lorena, Natália, Karine e Regiane constituíram nosso quadro de participantes da pesquisa. As professoras que aceitaram o convite para participarem da pesquisa enviaram os relatos de suas práticas por e-mail e depois foi realizado um encontro para refletirmos sobre as práticas. Os nomes das professoras, dos alunos e das escolas são fictícios para manter o anonimato dos participantes. A seguir destacaremos os relatos das práticas das professoras.

RELATO 1 - PROFESSORA CARLA

A professora Carla tem formação inicial em Pedagogia e curso de Especialização em Psicopedagogia clínica e institucional. Trabalha no município há 18 anos, atualmente exercendo a docência na Educação Infantil na escola Lápis Lázuli. A professora Carla enfatiza o amor e carinho permeado na prática docente. A professora destaca a prática com o aluno João, Érica e Flávio como podemos analisar no seu relato que se segue:



MAIS QUE APRENDIZAGEM DE PASTAS

Eu já trabalhei com muitas crianças especiais, a minha trajetória de trabalho com alunos especiais começou nos anos noventa, porém na década de noventa a gente trabalhava com as crianças especiais, mas não tinha o foco que tem hoje. Não existia um interesse do professor em saber o que o aluno tinha. Uma aluna que marcou bastante minha vida profissional foi Érica. Segundo o pai, ela falava em casa e até cantava em inglês, mas na escola não falava com ninguém. Quando foi matriculada na minha turma ela me inquietava muito. [...]

O fato é que Érica só falava para mim, em segredo. Então para confirmar o que estava falando, a família procurou uma psicóloga que usou a dinâmica do espelho e com a psicóloga, ela também falou. A partir daí foi diagnosticado que Érica tinha pânico do social [fobia social] e sabendo o que ela tinha pude ajudá-la melhor.

Conto essas experiências para dizer o quanto vale a pena trabalhar com alunos especiais. A criança especial sofre, assim como o pobre, como o preto e de certa forma ela é discriminada. Só um olhar de amor, carinho e cuidado, faz o aluno aprender. Tenho dezoito anos de docência e essas crianças vão passando na nossa vida, fazendo-nos enfrentar desafios diferentes.

Nesse ano de 2014, no mês de março, a diretora me disse que a escola iria receber um aluno com autismo, chamado Flávio e que a secretaria tinha indicado que o aluno fosse matriculado em minha turma. Com a chegada dele eu fiquei perdida de novo, fui para leitura, fui ler sobre autismo, procurar entender o que era autismo, suas características. E como sempre, quando chega o meio do ano a gente começa a se culpar: “Meu Deus! Eu não fiz nada!” Quando conversei com a especialista do CREI, ela me disse: “Sossega sua alma, esse menino é outro”.

[...]

Na parte da aprendizagem que tanto me angustiava, reconheço que gostaria de fazer mais, principalmente quando olho as pastas de atividades vazias, me dá um sentimento de incapacidade, mas, cheguei à conclusão que eu consegui mais que aprendizagem de pastas.

[...]

Refletindo sobre o relato 1

No relato da professora Carla, destacamos a mediação como uma das mais importantes ações. A aluna Érica apresentava fobia social e a ação mediada colaborou para que ela conseguisse superar o medo. Na tentativa de



estabelecer um diálogo com a aluna, a professora partiu do contexto social, abordando situações vividas pelas duas, como as preferências alimentares. Mesmo desconhecendo as causas pelas quais a aluna não verbalizava, a professora procurou alternativas para solucionar o problema.

Em relação ao aluno Flávio, a professora demonstrou uma insegurança gerada pela falta de conhecimento sobre o autismo. Ao ser informada sobre a chegada do aluno na turma a professora apresentou alterações físicas e emocionais, como o medo, dores na barriga, insônia, ansiedade e aflição. Contudo, demonstrou desejo em aprender sobre o autismo e, por isso, procurou por conta própria informações para poder realizar uma prática pedagógica voltada para ajudar o aluno.

Compartilhando as reflexões de Jesus (2006) em relação à importância da formação do professor: “[...] faz-se necessário trabalhar com os profissionais da educação de maneira que eles, sendo capazes de compreender e refletir sobre as suas práticas, sejam também capazes de transformar lógicas de ensino” (JESUS, 2006, p. 97).

É na prática pedagógica que o docente pode influenciar na aprendizagem do aluno, colaborando para que as maiores dificuldades sejam superadas. No relato apresentado, a professora demonstra ter sido tomada pelo medo do desconhecido. Porém, comprometida com a aprendizagem, encontrou alternativas possíveis que contribuíram para a superação das limitações do aluno, foi experimentando diversas estratégias no trabalho com os alunos e obteve bons resultados.

No entanto, é indispensável que os docentes recebam formação e informação para realizar as práticas. Os conhecimentos teóricos podem colaborar para o fortalecimento da qualidade do ensino, propiciando ao professor uma compreensão acerca das limitações dos alunos e conhecendo formas de mediações que possibilitem melhores avanços.

RELATO 2 - PROFESSORA MARIA CLARA

A professora Maria Clara tem formação inicial em Pedagogia e curso de Especialização em Psicopedagogia Clínica e Institucional. Trabalha no



município há 16 anos, atualmente exercendo a função de professora da Escola Municipal de Educação Infantil Turmalina Amarela. A professora Maria Clara aponta novas possibilidades de ensino, reforçando que é preciso romper as barreiras para inclusão através do conhecimento, acolhida e principalmente um novo olhar para o outro e para si mesmo, como podemos verificar no seu relato:

ENXERGAR A SUBJETIVIDADE DO ALUNO: primeiro passo para incluir

Quando é matriculado na escola um aluno com deficiência, a direção faz uma apresentação daquele aluno, mostra os laudos, fala da família e das deficiências. Depois procura um professor que julgam ter “perfil para trabalhar com aluno com deficiência” e fala “você terá 17 alunos e mais um com deficiência”. O aluno com deficiência é destacado nas falas de muitos profissionais da escola que dão tanta ênfase a deficiência, as limitações e esquecem de enxergar a subjetividade do aluno.

[...]

Eu precisava aprender a lidar com essa diferença na turma, mas optei em não o limitar.

[...]

Compreendo que a escola ajuda Marcos a aprender e desenvolver-se, a interação com a turma contribui para que sua linguagem fique cada vez mais clara e coerente. Consegue até expor ideias de forma coordenada, ampliando de forma significativa os seus conhecimentos. Nos projetos desenvolvidos na turma, procuro garantir sua participação, por exemplo, no Projeto de Linguagem “Parlenda” e o Projeto “O livro da Vida” ele participou de maneira satisfatória de todas as atividades, claro que necessitou em alguns momentos da minha intervenção.

[...]

Quanto à deficiência? Às vezes até esqueço que ele possui. Reconheço sua singularidade, mas, acredito que é possível uma educação que contemple a todos. Tenho um olhar diferente à inclusão, eu acredito que para acontecer depende muito do professor, é preciso estar aberto.

Refletindo sobre o relato 2

O mais importante não é ter foco na deficiência, mas atentar-se para o potencial que o aluno possui para aprender e desenvolver-se. Ao envolver o



aluno nas atividades realizadas durante a aula, a professora Maria Clara procurou estabelecer a interação de Marcos com a turma e com ela mesma e esse resultado foi percebido por meio dos avanços conquistados pelo aluno.

Ao afirmar que esquece a deficiência do aluno, a docente reflete uma prática pedagógica baseada na perspectiva histórico cultural, pois indica que seu modo de conceber a aprendizagem é cultural. Mantoan (2015) indica que a inclusão não prevê métodos para que os docentes trabalhem os diversos tipos de deficiências separadamente, mas, reforça que os alunos aprendem no seu limite.

Como Padilha (2007, p. 33) entendemos que “[...] compreender o desenvolvimento humano, ‘sem deter-se apenas na natureza dos processos patológicos’; compreender como as pessoas enfrentam as suas dificuldades, como dominam a deficiência, como utilizam suas forças”.

A docente Maria Clara, por meio de seu relato, ensina-nos que a prática inclusiva é aquela que compreende que todo aluno tem potencial para aprender e pode superar suas limitações. “Tudo que envolve o homem é humano, é social, é cultural, com limites desconhecidos” (PADILHA, 2007, p. 183). Portanto, não existem limites estabelecidos, a aprendizagem pode acontecer se o professor tiver um olhar prospectivo, ou seja, enxergar para além das dificuldades apresentadas.

RELATO 3 - PROFESSORA MARIA DAS GRAÇAS

A professora Maria das Graças é graduada em Pedagogia com experiência de 35 anos de experiência docente, atualmente exerce o cargo de docente na Escola Municipal Ametista Lilás, também trabalha como docente em uma escola privada. A professora Maria das Graças relata sobre as mudanças que ocorreram na vida pessoal, a partir da inclusão do aluno Rafael. Através do relato da prática a mesma destaca a importância do trabalho diferenciado para atender às necessidades do aluno.

RAFAEL, UM ANJO EM MINHA VIDA

Tenho 35 anos de educação, em julho do ano que vem eu já posso me aposentar por tempo de trabalho. Deus me concedeu



uma graça esse ano. Nós temos desde ano passado Rafael, e a trajetória dele no ano passado me incomodou muito, mas eu não podia fazer nada, porque ele não era meu aluno, eu poderia dar dicas. Neste ano, diretora falou que Rafael ia ser meu aluno. Não que não aceitaria Rafael, mas achei que eu não tinha possibilidades para trabalhar com ele.

[...]

Rafael é o anjo da minha vida, eu sinto prazer em tê-lo na minha sala. Ele me ajudou a ser melhor mãe, ser melhor professora para meus alunos, saber ver a diferença do outro, ele me ensinou que eu sou uma pessoa perfeita, porque eu não me aceitava e passei a me aceitar a partir do momento que comecei a trabalhar com Rafael. Hoje tenho uma auxiliar que não me deixa trabalhar sozinha, trabalhamos juntas. Antes Rafael gritava o tempo todo, hoje eu explico os conteúdos, ele participa das rodas de conversa, participa de tudo que faço. Os alunos no início sentiam repugnância quando Rafael passava ou chegava perto, eles corriam. Agora eles aceitam Rafael, interagem, brincam juntos.

[...] *Rafael possui Síndrome de Petrus, autismo e deficiência visual. Eu precisei fazer muitas mudanças, trabalho diferenciado para que ele avançasse e ele desenvolveu bastante. Nos momentos em que trabalhava os conteúdos escolares com a turma, procurava pensar numa forma de não o deixar de fora. Antes da aula preparava materiais em alto relevo, para que ele pudesse tocar. Rafael gostava muito de trabalhar com tintas, então, oferecia folhas de papel e tintas para que pudesse de alguma forma se expressar.*

Refletindo sobre o relato 3

Para atender às especificidades do aluno Rafael, a professora Maria das Graças elaborou atividades diferenciadas, utilizando estratégias que favorecessem o aluno, levando em consideração as habilidades como o gosto pela pintura e música. O relato nos faz refletir na importância da capacidade docente em buscar diversas alternativas para ensinar “A aprendizagem, nessas circunstâncias, é centrada, ora sobressaindo o lógico, o intuitivo, o sensorial, ora os aspectos social e afetivo dos alunos” (MANTOAN, 2015, p. 66).

Na proposta inclusiva não pode existir um modelo único de ensino ou de aprendizagem, mas cabe ao professor buscar novas possibilidades para que o aluno consiga avançar. Ficou claro que a diversidade de atividades trabalhadas transformou a sala de aula e contemplou todos os alunos.



RELATO 4 - PROFESSORA MARISA

A professora Marisa tem formação inicial em Pedagogia e trabalha no município há 15 anos, atualmente exercendo a docência no 1º Ano do Ensino Fundamental na escola Municipal Diamante Cristalino. No depoimento a professora relata que a presença do aluno com deficiência a fez encontrar novas maneiras de ensinar, como podemos analisar no seu relato que se segue:

NOVAS MANEIRAS DE ENSINAR

Sou educadora há quinze anos, trabalhando na mesma escola, comecei a lecionar na turma do Fundamental II, posteriormente fui lecionar nas Fundamentais I - Séries Iniciais. Em cada ano sempre me deparei com alunos com dificuldades de aprendizagem ou transtornos que eu não conhecia. Ficava aflita, pois não sabia o que fazer para ajudá-los. É muito complexo trabalhar com aluno especial e eu não tinha conhecimento!

Nesse ano de 2014 recebi dois alunos autistas Emanuel e Rogério.

[...]

Rogério teve muita sorte de pertencer a uma família dedicada. Seus pais percebendo logo que ele tinha algo, procurou ajuda e desde os quatro anos de idade ele recebe atendimento especializado.

[...]

Desde o começo eu deixei claro para mães que eles iriam aprender a cumprir as regras estipuladas para turma. Acredito que é importante que eles aprendam as regras da turma, da escola e sabia que podia exigir um pouco mais deles, porque eles tinham muito a conquistar.

Algumas vezes é preciso esquecer a deficiência e focar na capacidade do aluno.

[...]

Já Emanuel é o oposto de Rogério, o grau de autismo dele é um pouco mais severo, no início ele não conversava direito, não usava o banheiro, fazia xixi onde estava e sua mãe tem uma postura protetora, impedindo que Emanuel se desenvolva

[...]



O trabalho com Emanuel foi desafiador, [...]. Continuei persistindo para que conseguisse segurar o lápis, fiz uma adaptação com emborrachado e segurava junto com ele no lápis, mas não tivemos êxito. Não desisti dele e comecei a mostrar como devíamos segurar pedindo para repetir a posição feita por mim, mas, no entanto, sem adaptação.

[...]

Com o aprendizado de ambos ficou nítido que é possível a inclusão, não estou falando que é fácil, mas é possível.

Refletindo sobre o relato 4

Padilha (2007) indica-nos que, mesmo apresentando limitações, os alunos com deficiência conseguem aprender e desenvolver-se. A partir do contato com os colegas e com a professora, os alunos apresentaram mudanças que foram refletidas na vida social.

A adoção de diferentes práticas para ensinar aconteceu porque a docente permitiu que a aprendizagem acontecesse por outras vias. Ou seja, ela organizou procedimentos pedagógicos que tinham significado para os alunos, proporcionando a aprendizagem.

A pesquisa sobre autismo e psicose infantil realizada por Vasques (2003), aponta a existência de um comportamento de estranheza e situação de desconforto entre professores, escola e demais alunos ao encontrar-se com crianças e adolescentes com autismo. “Muitas dessas dificuldades decorrem, certamente, do estigma advindo dos diagnósticos de autismo ou psicose infantil. Essa situação surge, sobretudo, quando os diagnósticos circulam através de pareceres ou laudos médicos” (VASQUES, 2003, p. 87).

Vasques e Baptista (2006, p.157) afirmam que “Os sintomas, [...] não devem ser tomados isoladamente e merecem ser continuamente contextualizados na busca de compreensão sobre o que podem estar nos apontando”. No entendimento de Vasques (2009), para pensar em inclusão é necessário ressignificar o modelo educacional existente, compreendendo que a diferença não é sinônimo de desigualdade, doença ou incapacidade.

A professora Marisa trilhou essa proposta por meio de sua ação docente que não se estruturou nos laudos médicos, mas em uma prática que viabilizou



a aprendizagem, colaborando significativamente com o processo de escolarização dos alunos com autismo.

RELATO 5 - PROFESSORA ELLEN

A professora Ellen tem formação inicial em Pedagogia e trabalha no município há 15 anos, atualmente exercendo a docência no 2º Ano do Ensino Fundamental na escola Municipal Diamante Cristalino. No relato são apresentadas as estratégias utilizadas para que uma aluna com deficiência conseguisse realizar as atividades propostas. O exemplo da docente ensina-nos que a inclusão não acontece rapidamente, mas com persistência e esperança.

INCLUSÃO: esperança e persistência

No turno matutino tinha um aluno especial, porém eu queria descobrir o que ele tinha porque não tinha laudo. Os pais até buscaram ajuda médica, mas segundo os mesmos, o filho não apresentou nenhum problema de cabeça. O aluno continuava na escola sem que soubéssemos o que tinha, ele falava com dificuldades, era muito difícil compreendê-lo. Os avanços não foram conquistados de uma hora para outra, a inclusão foi resultado da esperança e da persistência do trabalho cotidiano.

Tive também uma aluna chamada Marta que tem Síndrome de Down, não parava quieta, saía da sala e corria a escola inteira, era muito difícil fazer com que realizasse alguma atividade.

[...]

Ficava aflita porque Marta não acompanhava os conteúdos trabalhados e seu desempenho era bem abaixo do nível da turma, não tinha controle de suas necessidades [fisiológicas], não pedia para ir ao banheiro. Contudo, sabia que existiam coisa que ela poderia aprender, com o passar do tempo Marta já conseguia ficar na sala, estava falando algumas palavras.

Refletindo sobre o relato 5

Para Vigotski (2007), através da zona de desenvolvimento proximal podemos delinear o futuro de uma criança não somente do seu estado de desenvolvimento, mas do processo de maturação, ou seja, no que ela poderá alcançar futuramente. Nesse sentido, “[...] a zona de desenvolvimento proximal



caracteriza o desenvolvimento mental prospectivamente” (VIGOTSKI, 2007, p. 98). Dentro dessa perspectiva concordamos e entendemos que “A zona de desenvolvimento proximal permite vislumbrar o desenvolvimento mental de modo prospectivo, olhando para o futuro e não somente para o que já foi alcançado” (GONÇALVES, 2008a, p. 84).

Os avanços conquistados pela aluna Marta só foram possíveis porque a docente teve um olhar prospectivo em relação à condição da estudante, permanecendo ao seu lado para orientá-la naquilo que ainda não conseguia resolver sozinha, como segurar o lápis até que a aluna conseguisse perceber os limites do desenho. Segundo Gonçalves (2008b, p. 24) “É exatamente nesse sentido que a mediação pedagógica pode favorecer o aprendizado dos alunos”. Assim, indubitavelmente, a mediação da professora favoreceu o aprendizado da aluna.

RELATO 6 - PROFESSORA LORENA

A professora Lorena atualmente leciona na turma do 2º Ano do Ensino Fundamental I na escola Municipal Diamante Cristalino. Tem formação inicial em Pedagogia e exerce a função de docente no município de Teixeira de Freitas há 11 anos. A professora utilizou estratégias para superar o medo apresentado pela aluna. No relato a seguir, podemos perceber que a mediação e criatividade da professora resultaram em novas aprendizagens.

DANDO CORDA À INCLUSÃO

Minha aluna era hiperativa e eu sempre trabalhava com ela as mesmas atividades que utilizava para toda a turma, precisava deixá-la o tempo todo perto de mim, isso me sugava muito. Precisava explicar que era preciso esperar que existem momentos para cada coisa. A aluna tinha pânico de ir ao banheiro sozinha, eu não compreendia aquela reação, nem com os colegas ela queria ir, era só eu quem podia levá-la. Era muito complexo resolver aquela situação, pois, tinha que deixar a turma de 1º Ano sozinha enquanto atendia a aluna.

Tive a ideia de amarrar uma cordinha no meu braço, levava a aluna ao banheiro e ficava pelo lado de fora, expliquei para ela que se precisasse de mim era só puxar a cordinha que ia imediatamente. Ela testou para ver se eu ia e eu fui. Com essa



cordinha amarrada ao meu braço ela estava mais confiante, algum tempo depois quando estava um pouco mais segura, mudamos para que uma colega da turma pudesse acompanhá-la, avançamos sem pressa até conseguir que ela fosse sozinha.

Refletindo sobre o relato 6

61

A professora Lorena surpreende-nos ao relatar que utilizou uma corda amarrada no braço para transmitir confiança a aluna que sofria por medo quando utilizava o banheiro sozinha. Nesse caso entendemos que houve a utilização de instrumentos culturais (signos) que favoreceram o desenvolvimento da aluna. “A memória mediada por signos é, pois, mais poderosa que a memória não mediada” (OLIVEIRA, 1993, p. 30).

Com intuito de clarificar como ocorre o processo de aprendizagem traremos as considerações feitas por Vigotski (2007, p. 58):

Um processo interpessoal é transformado num processo de intrapessoal. Todas as funções no desenvolvimento da criança aparecem duas vezes: primeiro, no nível social, e, depois, no nível individual; primeiro, entre pessoas (interpsicológica), e, de, pois, no interior da criança (intrapsicológica). Isso se aplica igualmente para a atenção voluntária, para memória lógica e para formação de conceitos.

De acordo com o autor, o desenvolvimento humano ocorre a partir das interações com o meio social. Rego (1995, p. 61), também nos explica sobre a importância da interação social: “Assim, o desenvolvimento do psiquismo humano é sempre mediado pelo outro (outras pessoas do grupo cultural), que delimita e atribui significados a realidade”. No processo de interação com outras pessoas, aumentou as chances para a aluna aprender, pois quanto mais interagia com a professora e com os colegas as limitações causadas pela deficiência foram amenizadas.

Outra questão que merece destaque no relato da professora Lorena diz respeito às aprendizagens extracurriculares, que estão para além dos currículos acadêmicos, mas acontece nos espaços escolares. Chamamos atenção para o papel do professor mediador também de outras aprendizagens, que vai muito além do ensinar a ler e escrever. A aluna em foco aprendeu, por



meio de uma ação mediadora da professora, a superar os seus próprios medos e insegurança.

RELATO 7 - PROFESSORA NATÁLIA

A professora Natália tem formação inicial em Pedagogia e trabalha no município há 08 anos, atualmente exercendo a docência na Educação Infantil na escola Topázio Azul. A professora relata a aprendizagem do aluno Aylton, destacando a importância da convivência e do relacionamento com os colegas, como podemos analisar:

62

IMITAÇÃO, SINÔNIMO DE APRENDIZAGEM

Eu tenho um aluno chamado Aylton, 5 anos, com autismo, ele chorava demais no início do ano, se jogava no chão, empurrava as cadeiras, gritava muito e quanto mais eu olhava para ele, gritava mais. Muito aflita, eu não sabia o que fazer, tentava me aproximar e Aylton entrava em desespero, algumas vezes eu também desesperava. Quando a mãe chegava com Aylton na escola, eu percebia muita insegurança dela, ela chorava ao deixar o filho: “Está vendo porque eu desisto de levá-lo para escola, como é difícil para eu vê-lo nessa situação? Não vou à igreja, porque ele grita muito”. Fui dizendo que era tudo novo para ele por isso, reagia assim, pedi para não desistir de deixá-lo na escola.

[...]

Precisamos acreditar que todos são capazes de aprender. Ele já se comunica, antes não falava nada, quando chega à sala dá bom dia para todos. É muito gratificante vê-lo participando das culminâncias dos projetos escolares, mais tranquilo, à vontade na turma, é um Aylton novo menino!

Eu sempre dou as mesmas atividades para todos, mas as estratégias são diferentes, tenho prazer de abrir o caderno dele e dizer: “Olha que lindo! Parabéns!” Valorizo o fato de estar participando das aulas e fazendo as atividades mesmo que do seu jeito. Sei que não é fácil fazer uma educação inclusiva, mas é gratificante.

Refletindo sobre o relato 7

O relato permite-nos refletir sobre a capacidade que o cérebro tem para armazenar as experiências vivenciadas. Para Vigotski (2014) o cérebro possui uma plasticidade e, dependendo das interações vividas, conservará as marcas,



mudando sua estrutura. “Desse modo, o nosso cérebro constitui-se em um órgão que preserva nossas experiências já vividas e facilita a repetição” (VIGOTSKI, 2014, p. 2). Na experiência do aluno Aylton a mediação de sua professora possibilitou que marcas fossem apropriadas pelo seu cérebro, constituindo-se em aprendizagem da cultura e dos modos vivenciados na sala de aula.

Sobre as marcas deixadas pelas experiências vividas, apresentaremos a exemplificação feita pelo próprio do autor na citação a seguir:

No cérebro ocorre algo semelhante ao que acontece com uma folha de papel quando a dobramos ao meio; no lugar da dobra fica uma marca que é o resultado da modificação produzida; a marca da dobra ajudará na repetição dessa mesma modificação no futuro. Basta soltarmos a folha para que ela dobre no mesmo lugar onde ficou essa marca (VIGOTSKI, 2014, p. 2).

A imitação também merece destaque nessa reflexão, devido sua importância no papel do aprendizado das crianças. “A imitação pode ser entendida como um dos possíveis caminhos para o aprendizado, um instrumento de compreensão do sujeito” (REGO, 1995, p. 111). Quando a professora saiu da sala de aula, o aluno brincou imitando-a, com isso, demonstrou que aprendeu não apenas gestos, mas comportamentos, regras e valores. Nesse sentido, a imitação não deve ser entendida como mera cópia ou repetição mecânica, mas, como uma ação que possibilitará a internalização de fatores influentes no comportamento e no desenvolvimento.

RELATO 8 - PROFESSORA KARINE

A professora Karine tem formação inicial em Pedagogia e trabalha no município há 22 anos, atualmente exercendo a docência na Educação Infantil na escola Topázio Azul. A professora sinaliza a necessidade do acompanhamento e apoio da família à escola e aborda sobre a inversão dos papéis. No relato a seguir podemos verificar como ela através da mediação contribuiu para que o aluno conquistasse a autoconfiança.

A APRENDIZAGEM PARA ALÉM DA ESCRITA E DA LEITURA



Tenho dois alunos com deficiência este ano, um no matutino e outro no vespertino. O do matutino chama-se Alisson, ele é deficiente visual. No vespertino tenho Eduardo, ele é autista. Começo falando do Alisson porque considero que foi um trabalho muito árduo no início. Eu realmente me sentia sugada por Alisson, pois não tenho cuidadora e precisava acompanhá-lo ao banheiro, o pior que para isso deixaria a turma sozinha toda vez que necessitasse. A situação de Alisson era difícil, pois ele fazia as necessidades fisiológicas na roupa e por essa razão as crianças não queriam ficar perto dele. Ao iniciar o ano letivo foi uma grande discussão entre os professores, pois ninguém queria ficar com ele, devido à mãe que tinha fama de difícil. As colegas sugeriram que eu ficasse com o aluno por me considerar uma pessoa calma, então eu disse que iria tentar, mas, solicitei que todas me ajudassem com a mãe. Nesse caso, é importante o empenho da família para ajudar o filho, mas eu percebia que a mãe não cuidava do filho como deveria, [...].

Pedi para que quando sentisse vontade levantasse e saísse da sala e eu sem falar nada com a turma o seguiria até o banheiro para auxiliá-lo. Essa estratégia funcionou bem.

[...]

No vespertino, o aluno Eduardo que é autista desenvolveu muito, para desenvolver o trabalho com ele eu contava com o ajuda de uma cuidadora. Nos primeiros dias de aula, ele não me olhava, não conversava, vivia isolado no seu mundo. Não lanchava, levava o lanche e voltava com tudo para casa. Fiz o seguinte, comecei a abrir a lancheira dele, mostrava o lanche para os colegas e dizia: - “Olha gente que legal o lanche de Eduardo, que maravilha! Vamos aplaudir! Eu vou lanchar com Eduardo”. Ele ficava olhando para mim de cara fechada, agora tudo mudou, come e repete o lanche da escola, o dele até me oferece!

Os alunos já desenvolveram muito, não apenas na aprendizagem de escrita e leitura, mas na interação. Eles participam de todas as atividades propostas, inclusive apresentações em datas comemorativas. É gratificante, trabalhar com os dois.

Refletindo sobre o relato 8

O papel social familiar não foi assumido pelos membros da família do aluno e sim pela professora, os papéis se invertem. Sobre a importância dos papéis sociais concordamos com Bock, Furtado e Teixeira (2002, p. 23) quando indicam que “Os papéis sociais permitem-nos compreender a situação



social, pois são referências para a nossa percepção do outro, ao mesmo tempo em que são referências para o nosso próprio comportamento”.

Esse relato nos impulsiona a repensar como vem acontecendo a relação família e escola e “Refletir sobre a relação da família e escola, implica admitir, e, na nossa perspectiva, questionar a condição hegemônica da instituição escolar nas relações que estabelece com os familiares dos alunos” (SOBRINHO, 2009, p. 68). Ações como a criação de grupo de familiares, conselhos, encontros, etc., podem fortalecer o vínculo entre escola e família, reforçando que juntas alcançarão melhores resultados.

Refletimos também sobre a prática docente desenvolvida com o aluno com autismo, nos é relatado que o mesmo ficou isolado no início do ano letivo, ou seja, vivia no seu mundo particular, sem interagir com a professora e colegas. Diante do desafio, a professora Karine não hesitou em aproximar-se e começou a interagir com o aluno, conquistando a sua confiança. Dando ênfase ao olhar da professora à singularidade do aluno com autismo, utilizamos as palavras de Vasques (2009, p. 21) “Há um segredo, uma significação a ser desvendada, uma verdade oculta, dissimulada, encoberta, que determina, que faz calar e falar... mas que poderá ser acessada por um olhar e uma escuta atenta e perspicaz”.

A atitude da professora nos convida a olhar a pessoa com autismo para além dos laudos médicos, que identifica, compara e limita. Entendemos que “É possível conquistar uma nova visibilidade sustentando a indagação acerca dos sujeitos” (VASQUES; BAPTISTA, 2006, p. 156). Esse pensamento indica-nos um outro olhar, cujo foco da lente deverá estar no interior, na subjetividade, nas possibilidades que o aluno com autismo tem para aprender. O aspecto clínico traz uma lente que “[...] recorta a existência singular do ser humano” (VASQUES, 2009, p. 17). Assim, o enfoque deve ser dado à experiência particular de cada pessoa e não às limitações.

RELATO 9 - PROFESSORA REGIANE

Regiane é professora no município de Teixeira de Freitas há 18 anos, tem formação inicial em Pedagogia e curso de Especialização em Educação



Infantil. Atualmente exerce a docência na Educação Infantil na Esmeralda Verde. A professora ao receber o aluno com cegueira procurou conhecer sobre a deficiência para que o aluno fosse incluído na turma. A prática docente apresentada no relato a seguir enfatiza a importância da mediação do professor.

TRABALHAR COM UMA CRIANÇA ESPECIAL É UMA DÁDIVA DE DEUS E UM DESAFIO PROFISSIONAL

Considero que trabalhar com uma criança especial é uma dádiva de Deus e um desafio profissional. Com Miqueias não foi diferente. Inicialmente a coordenadora ao receber o pedido de matrícula do Miqueias e resolver a turma que ficaria me ligou e disse que eu estenderia carga horária e compartilhou que iria receber um aluno especial em minha turma e aceitei o desafio, apesar de ainda não saber nada de braile e ter consciência de que eu deveria fazer com que ele participasse de todas as atividades (processo de inclusão) e ao mesmo tempo ter planejamento flexibilizado, pois algumas atividades para ele teriam que ter um outro desafio e outra proposta. De início, realizei pesquisas na internet sobre como trabalhar as atividades da rotina com uma criança com deficiência visual, não encontrei com relação à alfabetização o que me deixou mais apreensiva. Tamanha era minha insegurança e ansiedade para que começasse as aulas para o encontro com Miqueias, pensando como seria a experiência, e se eu iria conquistá-lo.

[...]

Em determinados momentos realizei intervenções para fazê-lo entender que por não ter o sentido da visão precisaria desenvolver outros sentidos em algumas atividades como no projeto: Os Sentidos, Artes, Movimentos e outros. E ele teve destaque em relação aos demais colegas. Isto fez com que aos poucos fosse adquirindo confiança e aumentando sua autoestima.

[...].

Refletindo sobre o relato 9

Nesta reflexão daremos ênfase à postura da professora Regiane na busca pelo saber, que procurou entender melhor sobre a deficiência do aluno, realizando pesquisas e preparando-se para recebê-lo. A iniciativa da professora de realizar uma autoformação, reflete seu comprometimento com a qualidade da educação. No entanto, é imprescindível ressaltar a necessidade



de cursos de formação e capacitação docente direcionada para a Educação Inclusiva.

A responsabilidade pela formação não pode ser unilateral, deve ser em primeiro plano uma responsabilidade dos sistemas com a plena participação dos professores. Nessa perspectiva, os professores também são convidados a uma ação coletiva “O professor, no entanto, não pode agir isoladamente. A escola deve organizar-se de forma a criar condições de reflexividade-crítica individuais e coletivas” (JESUS, 2006, p.104). Portanto, a formação torna-se responsabilidade de todos, do sistema, na efetivação de políticas que garantam formações contínuas e dos professores na busca pelo conhecimento.

Gonçalves (2008a) aponta que a formação de professores deve ter como base as questões vivenciadas no cotidiano escolar, para que a partir da vivência do grupo se possa discutir e instigar coletivamente a busca de soluções.

Nesse sentido, uma boa formação é importante porque na escola o professor é responsável por mediar a leitura do ambiente em que o aluno com deficiência visual está inserido. A necessidade da presença de uma pessoa capaz de realizar mediação é destacada por Machado (2003, p.25):

No caso do deficiente visual a presença de alguém é muito importante, pois ele deverá estar sempre atento em suas ações para mediar as descobertas e, especificamente, no caso da criança cega deverá ajudá-la durante as explorações para que realmente façam sentido para ela.

A mediação da professora com o aluno Miqueias que apresenta deficiência visual foi fator determinante para que seu processo de inclusão prosseguisse na escola, passando a conhecer o ambiente e conquistando autonomia. Entendemos que, “A falta da visão poderá acarretar à criança grandes prejuízos se ela não for mediada em seu contato e interação com o mundo” (MACHADO, 2003, p. 23). Assim, a mediação da professora Regiane favoreceu o contato com a turma e com a escola, possibilitando a aprendizagem e desenvolvimento do aluno.

Independentemente da limitação biológica, o aluno Miquéias conseguiu superar as barreiras impostas pela deficiência visual. Esse fato nos indica que



os aspectos culturais se sobrepõem aos biológicos, dependendo necessariamente da mediação recebida. Machado (2003) refletindo sobre orientação e mobilidade para alunos com deficiência visual, fundamenta-se na perspectiva histórico cultural para explicar tal questão:

Para VYGOTSKY, o desenvolvimento humano é em parte definido pelos processos de maturação do organismo, porém é a aprendizagem que possibilita o desabrochar de processos internos por meio de contato do homem com seu meio. Durante o desenvolvimento humano, os aspectos biológico e cultural se entrecruzam e se relacionam mutuamente, dando origem ao aspecto sócio-biológico. Portanto, a inserção sócio-cultural do bebê não é suficiente para o seu pleno desenvolvimento. Os elementos de natureza biológica contribuem para o processo de aprendizagem, porém, subordinados aos processos culturais (MACHADO, 2003, p. 22).

Nas atividades com a turma, a professora Regiane relata momentos em que realizou intervenções para ajudar o aluno a reconhecer seu potencial no desenvolvimento de outras atividades. Uma professora aberta à mediação que acreditou no potencial do aluno e favoreceu o aprendizado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os relatos apresentados nos impulsionam a refletir sobre a prática docente, sobre a mediação, a formação, o desenvolvimento humano e outros aspectos apresentados nas práticas e saberes relatados pelas professoras. A prática docente ganhou destaque por considerarmos ser o principal caminho à efetivação da inclusão escolar. Os relatos nos fazem pensar e refletir no quanto os saberes e as práticas favorecem o processo de inclusão dos alunos com deficiência por meio da mediação, da interação com o outro.

Cada uma das nove (9) professoras participantes da pesquisa desenvolveu práticas firmadas na crença de que todos são capazes de aprender. As docentes apresentaram possibilidades para que os alunos pudessem aprender e desenvolver. As reflexões dos relatos nos aproximaram da matriz teórica vigotskiana, por esse motivo, recorreremos durante a escrita à perspectiva histórico cultural, para indicar que as práticas desenvolvidas pelos docentes favoreceram o desenvolvimento dos alunos.



As práticas e saberes relatados pelo grupo de professoras participantes refletem o respeito à diferença, à singularidade, à subjetividade e o reconhecimento às necessidades dos alunos e, sobretudo, nos convida a percepção do homem como ser social.

Reconhecemos a prática pedagógica como determinante no processo de inclusão escolar e os relatos aqui apresentados e analisados confirmam a importância da ação pedagógica docente. Por meio da prática, cada professora pôde mediar o desenvolvimento e aprendizagem de seus alunos. Assim a mediação, segundo Gonçalves (2008a), está relacionada à prática.

A compreensão da importância da mediação com vistas à aprendizagem e ao desenvolvimento dos alunos com necessidades educacionais especiais na perspectiva da inclusão escolar deve dar sentido às nossas práticas, deve ressignificar nosso espaço de sala de aula, mobilizando nossa ação, nossa atividade pedagógica em direção aos possíveis de nossos alunos que apresentam variados tipos de deficiências (GONÇALVES, 2008a, p. 92).

Nesse sentido, entendemos que a aprendizagem e o desenvolvimento do aluno dependem essencialmente da mediação feita pelo professor. Ou seja, se o docente realizar uma mediação intencional, impulsionando a aprendizagem, o aluno terá êxito. Recorremos a outra afirmação feita por Gonçalves (2008a, p. 91): “[...] entendemos que o papel e a atividade do educador se tornam fundamentais, uma vez que, dependendo do sentido que atribui ao seu trabalho educativo, poderá favorecer ou postergar a aprendizagem e desenvolvimento de seus alunos”.

Cada relato nos mostrou que “É preciso olhar para além do corpo, além da doença, além da diferença, para além da deficiência” (PADILHA, 2007, p. 3). Assim, com um olhar prospectivo, todo docente deve ser capaz de uma nova percepção do outro, não enxergaram um sujeito com limitações, mas um sujeito dotado de possibilidades, com plenas condições para aprender.

Assim, os relatos das professoras *Carla, Maria Clara, Maria das Graças, Marisa, Ellen, Lorena, Natália, Karine e Regiane*, foram importantes para refletirmos sobre o professor como principal mediador da aprendizagem. Destacamos em cada relato as ações das professoras



diante do processo de escolarização dos alunos com deficiência. Os relatos apresentados evidenciaram que as professoras encontraram possibilidades para trabalhar as especificidades de seus alunos, levando em consideração suas especificidades. As docentes tiveram um olhar prospectivo, que lhes permitiram enxergar além da deficiência. Um olhar que valorizou e acreditou no potencial humano.

REFERÊNCIAS

- BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2009.
- GIL, A. C. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.
- GONÇALVES, A. F. S. **As políticas públicas e a formação continuada de professores na implementação da inclusão escolar no município de Cariacica**. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2008a.
- GONÇALVES, A. F. S. **Inclusão escolar, mediação, aprendizagem e desenvolvimento na perspectiva histórico-cultural**. Vitória: G M Gráfica e Editora, 2008b.
- JESUS, D. M. **Educação Inclusiva: Construindo novos caminhos**. Vitória: PPGE, 2002. (Relatório Final de Estágio de Pós-Doutorado).
- JESUS, D. M. Inclusão escolar, formação continuada e pesquisa-ação. In: BAPTISTA, Claudio Roberto. (Org.). **Inclusão e escolarização: múltiplas perspectivas**. Porto Alegre: Mediação, 2006. p.95 -106.
- MACHADO, E. V. Desenvolvimento da criança e políticas públicas de inclusão. In: MACHADO, E. V. et al. **Orientação e Mobilidade: conhecimentos básicos para a inclusão do deficiente visual**. Brasília: MEC, SEESP, 2003. p. 22 - 37.
- MANTOAN, M. T. E. **Inclusão Escolar – O quê é? Por quê? Como fazer?**. São Paulo: Summus, 2015.
- OLIVEIRA, M. K. **Aprendizado e desenvolvimento: um processo sócio-histórico**. São Paulo: Scipione, 1993.
- PADILHA, A. M. L. **Práticas Pedagógicas na Educação Especial: a capacidade de significar o mundo e a inserção cultural do deficiente mental**. 4. ed. São Paulo: Autores Associados, 2007.
- REGO, T. C. **Vygotsky: uma perspectiva histórico-cultural da educação**. 2. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1995.



SOBRINHO, R. C. **A relação família e escola a partir da processualidade de um fórum de famílias de alunos com deficiência: contribuições de Norbet Elias**. 2009. Tese (Doutorado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2009.

VASQUES, C. K. ; BAPTISTA, C. R. A educação de sujeitos com transtornos globais do desenvolvimento: traços e circunstâncias. In: BAPTISTA, C. R. (Org.). **Inclusão e escolarização: múltiplas perspectivas**. Porto Alegre: Mediação, 2006. p.155 - 164.

VASQUES, C. K. Construções em torno de um vazio: uma leitura sobre o diagnóstico e seus “modos de usar” na escolarização de sujeitos com autismo e psicose infantil. In: BAPTISTA, C. R.; JESUS, D. M. (Org.). **Conhecimentos e margens: ação pedagógica e pesquisa em educação especial**. Porto Alegre: Mediação, 2009. p. 11 - 26.

VASQUES, C. K. **Um Coelho Branco Sobre a Neve: Estudo Sobre a Escolarização de Crianças com Psicose Infantil**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003.

VIGOTSKI, L. S. **A formação social da mente**. 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

_____. **Imaginação e criatividade na infância**. 1. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2014. **Autor 1**

Elizete Costa dos Santos Oliveira

elizete_bebes@hotmail.com

Pedagoga, Psicopedagoga Clínica e Institucional e Mestra em Ensino na Educação Básica CEUNES/UFES.

Recebido em: 02/04/2018

Aprovado em: 04/05/2018

